

# MANIFESTAÇÕES NEO-REALISTAS EM “O ALEGRE CANTO DA PERDIZ” DE PAULINA CHIZIANE

Wellington Marçal de Carvalho

---

“Mas era um herói.  
Segurou com firmeza o leme da desgraça navegando contra todas  
as tempestades  
e levou o barco a bom porto.”  
(CHIZIANE, 2008, p. 201)

## 1 OS FIOS DA MEADA

A literatura, sobretudo num mundo cada vez mais orquestrado pela fugacidade nas relações, veicula um alerta para a necessidade, premente, de uma pausa nessa engrenagem e tessitura de projetos de re-humanização do que ainda resta de humano nas sociedades. Nesse contexto, o presente trabalho pretende refletir sobre o novo realismo que emerge de parte da produção literária da escritora moçambicana Paulina Chiziane<sup>4</sup>, notadamente, em seu romance **O alegre canto da perdiz**.

---

<sup>4</sup> Chiziane nasceu em Manjacaze (Gaza), em 1955. É chope, o pai era alfaiate de esquina e a mãe sempre foi camponesa e, às vezes, ausentava-se por dias da casa para tratar da machamba. A autora fez escola primária numa missão católica. Ali aprendeu a falar e a escrever português. No entanto não disfarça seu orgulho das origens – o ritmo de sua escrita vem da tradição oral chope, confessa. Em 1974, com 18 anos, adere à militância revolucionária. Após separação conjugal e dois filhos sob sua responsabilidade, é levada a desistir de estudar. Emprega-se na Cruz Vermelha, mas não desiste da sua condição de escritora, pois se considera uma contadora de histórias. Opta pela prosa, que segundo suas próprias palavras, “só é bonita se as palavras tiverem poesia”. Confessa: “A escrita escolheu-me”. Foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance, desafiando críticas e resistências sócio-históricas e culturais. [...] A sua escrita revela suas experiências de mulher

Esta

[...] romancista moçambicana, inserida num espaço tradicionalmente preenchido pelos ideais patriarcais, de modo pioneiro, por meio de sua escrita instigante, (re)define e (re)constrói as múltiplas figurações do feminino que dão acesso privilegiado a uma reflexão sobre Moçambique e as diversas Áfricas. Sabe-se que a identidade e a consciência femininas (re)constróem-se na cultura ocidental e, por extensão, nos espaços africanos colonizados pelo europeu numa ambiência notadamente regida por forças masculinas estruturadas pelo patriarcalismo, mas isso não impede Paulina Chiziane de refletir sobre a condição feminina, as mudanças pelas quais passa Moçambique e a necessidade de (re)organizar seus valores e padrões, de modo a desmistificar e desconstruir os ícones limitadores do espaço destinado às mulheres em seu país. (MENDES, 2009, p. 14).

A abordagem de alguns fragmentos do romance **O alegre canto da perdiz** far-se-á na perspectiva de considerá-lo como um

---

moçambicana e suas vivências de guerra recolhidas pela contadora de histórias em suas andanças como assistente social, profissão hoje desempenhada por Paulina Chiziane (MENDES, 2009, p. 14). Publicou seu primeiro romance, **Balada de amor ao vento**, em 1990. Depois vieram outros como **Ventos do Apocalipse** (1999), **Sétimo juramento** (2000), **Niketche: uma história de poligamia** (2002), que lhe rendeu o prêmio José Craverinha, em 2003, e **O alegre canto da perdiz** (2008) (RODRIGUES, 2020, p. 71). Também integram a obra de Chiziane, dentre outros, os seguintes títulos **Eu, mulher... por uma nova visão de mundo** (1992), **As andorinhas** (2009), **Na mão de Deus** (2013), **Por quem vibram os tambores do além** (2013), **O canto dos escravizados** (2017), **Tenta!** (2018) e, em parceria com Mariana Martins, **Ngoma Yethu: o curandeiro e o novo testamento** (2015) (CHIZIANE; MARTINS, 2018, p. [260]). Informações sobre esses aspectos foram cotejadas, também, em Abrantes (2020), principalmente, quando a pesquisadora defendia sua tese na PUC Minas.

exercício de estetização da vida cotidiana, denotando o brilhantismo de Chiziane em inculcar, em seu texto literário, elementos que possibilitem a veiculação de novas visões de mundo sobre a tão pouco conhecida incomensurabilidade do universo feminino da qual a escritora também faz parte<sup>5</sup>.

## 2 FEIÇÕES NEO-REALISTAS NO CORPO FEMININO DA ESCRITA

De acordo com Gumbrecht (2006),

hoje [...] tornou-se vital ter consciência daquelas pequenas crises na vida cotidiana, através das quais possam emergir energicamente ilhas e novos territórios ainda não mapeados. Pois poderia muito bem acontecer que, sem aquelas crises e ilhas, as fontes da experiência estética secariam dentro de moldes demasiadamente estreitos e de suas condições inflexíveis (GUMBRECHT, 2006, p. 50).

Pensa-se que Paulina Chiziane estetiza o cotidiano feminino uma vez que a ideia de uma estética do cotidiano, tal como apresentada por Medeiros (2012, p. 76), “se refere tanto ao ato criativo que se alimenta de elementos da vida diária quanto ao sentimento provocado por situações e objetos corriqueiros”.

---

<sup>5</sup> A presente reflexão foi produzida no âmbito das discussões do Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas (GEED), coordenado pela Professora Maria Nazareth Soares Fonseca, vinculado às atividades de pesquisa do *Projeto Desdobramentos e proliferações da memória nas culturas/literaturas africanas de língua portuguesa*, aprovado pelo CNPq, período 2018-2022. O Grupo, no segundo semestre de 2019, em sua proposta, “partiu da premissa de que, nas palavras da coordenadora, “[...] a memória da violência, em seus vários tipos e formas, está presente em diversas obras literárias de autoria feminina, em países africanos, mas também no Brasil e nos Estados Unidos” (FONSECA, 2019, s.p. citado por ALVES; CARVALHO, 2020, p. 43).

Na esteira da crítica literária de São Tomé e Príncipe, Inocência Mata, é como se em sua trama romanesca Paulina embevece-se “um complexo cultural” moçambicano<sup>6</sup>. Ainda de acordo com Inocência,

Uma sociedade – e falo de Portugal como metonímia da sociedade global – em que o conhecimento do outro, quando o outro é africano, se resume mormente a catástrofes naturais e sociais, conflitos políticos e bélicos, fome e miséria, atrocidades de toda ordem, para além das imagens que lhe são coladas por preconceitos que a comunicação social se dispõe a ampliar e perpetuar e as sociedades em causa assimilam, tem que pressupor uma perspectiva transdisciplinar que atravesse horizontalmente os textos na sua arqueologia contextual para chegar às potencialidades significativas, à luz da lógica e dos condicionalismos da história através da urdidura textual. (MATA, 2007, p. 91).

---

<sup>6</sup> Não se deve perder de vista que Chiziane foi a primeira mulher de Moçambique a escrever um romance: “Porém, em várias ocasiões, tanto oralmente como por escrito, a autora tem declarado que não é romancista. Ela se refere a si mesma como contadora de estórias, algumas sendo curtas e outras longas. Como é sabido, em grande parte do mundo de hoje, e certamente nos países da Europa e das Américas, um escritor que publica um romance que chega a ser aceite no chamado cânone de obras literárias, normalmente recebe elogios especiais no seu país natal por ter alcançado o auge da grandeza literária nacional. De modo geral, o gênero romance é visto, portanto, como o máximo e mais representativo dos modos de expressão literária produzidos em qualquer estado-nação. Mas Paulina Chiziane, ao insistir que ela é contadora de estórias e não romancista, sem dúvida está a reivindicar as suas raízes numa tradição de expressão narrativa africana e, especificamente, moçambicana. Ela assim está a seguir, *mutatis mutandis*, a antiga tradição da casta de contadores de histórias, conhecidos em certas partes de África como griots” (HAMILTON, 2007, p. 317). Esse aspecto da escritura de Chiziane também foi problematizado por Fonseca (2003).

Em alguma medida, a urdidura textual com a qual se constrói a narrativa do romance em discussão se aproxima de uma escrita testemunhal, tal como problematizada por Seligmann-Silva. Esse teórico propunha entender se “o testemunho na sua complexidade enquanto misto entre visão, oralidade narrativa e capacidade de julgar: um elemento complementa o outro, mas eles relacionam-se também de modo conflituoso” (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 4).

O testemunho funcionaria, na proposição deste teórico, como

[...] uma ponte para fora da sobrevida e de entrada (volta) na vida. Neste testemunho, misturam-se fragmentos, como que estilhaços (metonímias) do seu passado traumático, a uma narrativa instável e normalmente imprecisa, mas que permite criar o referido “volume” e, portanto, um novo local fértil para a vida. [...] O testemunho pode, justamente, servir de caminho para a construção de uma nova identidade pós-catástrofe. A uma era de violência e de acúmulo de crimes contra a humanidade corresponde também uma nova cultura do testemunho. (SELIGMANN-SILVA, 2010, p. 11, 13).

Diante da “incomensurabilidade do real”, para retomar uma expressão de Márcio Seligmann-Silva, a prática do testemunho constituir-se-ia numa estratégia para reintegrar outras possibilidades de menção ao passado. Para Seligmann-Silva (2010, p. 10), “o apagamento dos locais e das marcas das atrocidades corresponde àquilo que no imaginário posterior também tende a se afirmar: não foi verdade. [...] O testemunho visa à integração do passado traumático.”

Convém, então, verificar como essas questões aparentam estar acolhidas na urdidura textual de **O alegre canto da perdiz**. De acordo com o **Posfácio** elaborado por Nataniel Ngomane (2008, p. 342), “é a partir de Serafina, mãe da Delfina que, por sua vez, é mãe

da Maria das Dores e da Maria Jacinta, que se vai articulando toda a rede de personagens deste romance”. Estruturado

[...] em trinta e quatro capítulos, a narrativa desenvolve-se com o narrador ora em primeira pessoa (Delfina), ora em terceira pessoa. A loucura de Maria das Dores, filha de Delfina com José (o marido negro), é o que põe em atividade a memória da protagonista, trazendo à tona todos os conturbados acontecimentos que a encaminham à solidão, miséria e separação: os casamentos com José e Soares, o envolvimento sexual com o feiticeiro Simba e a separação dos filhos” (BRAGA, 2010, p. 207).

Eis como a cena inicial do romance apresenta Maria das Dores:

Um grito colectivo. Um refrão.  
Há uma mulher nua nas margens do rio  
Licungo. Do lado dos homens.  
\_ Ah?  
[...]  
\_ Quem é essa mulher que tem a coragem de se  
banhar no lugar privado dos nossos homens,  
quebrando todas as normas do local, quem é?  
[...]  
\_ Escandalosa, sai já daí. (CHIZIANE, 2008, p.  
11).

Ela é, literalmente, “escandalosa”. Aliás, de alguma maneira, as mulheres todas daquela sociedade o são. Sobretudo, porque ser assim se configura como uma estratégia de sobrevivência. É difícil para um estrangeiro isentar-se de condená-las. O fazendo apenas por fidelidade a um entendimento de mundo essencialmente patriarcal. Todavia, o labor de Chiziane encena uma militância exercida por mulheres incomodadas, de diferentes maneiras, por uma condição pretensamente natural, conferida ao ser mulher. A

professora Simone Schmidt expõe interessante reflexão sobre essa cena inaugural:

Nesse que é seu quinto romance [...], o corpo feminino ocupa lugar central, o que nos é prenunciado desde o início da narrativa, quando a personagem Maria das Dores surge misteriosamente na pequena cidade de Gúruê, ao pé dos Montes Namuli, expondo seu corpo nu diante da indignação das mulheres que habitam o lugar. Todos os mais terríveis significados se colam à nudez de um corpo feminino, como alerta a narradora, fazendo-se porta-voz da tradição e do senso comum [...]. Sobrecarregado por tantos estigmas negativos, o corpo feminino se mostra como locus nefasto, alheio, estrangeiro. Maria das Dores é estranha, desconhecida de todos, e vagueia ausente e perdida pelas ruas do povoado. (SCHMIDT, 2013, p. 230).

Vale, nesse sentido, retomar a síntese veiculada em uma roda de contação de histórias, em que uma mais velha, a grande mãe, apresenta a condição feminina:

- Pronto, já que me pedem, termino. Os homens invadiram o nosso mundo – dizia ela [a grande mãe] –, roubaram-nos o fogo e o milho, e colocaram-nos num lugar de submissão. Enganaram-nos com aquela linguagem de amor e de paixão, mas usurpam o poder que era nosso. Uma mulher nua do lado dos homens? Ó gente, ela veio de um reino antigo para resgatar o nosso poder usurpado. Trazia de novo o sonho da liberdade. Não a deviam ter maltratado e nem expulsado à pedrada. (CHIZIANE, 2008, p. 22).

Maria, “que desafia a vida e a morte” (CHIZIANE, 2008, p. 17), está “ao lado dos homens” – essa posição já é por demais ousada e marca, com todas as letras, a fragilidade de um espaço tradicionalmente de posse apenas de homens. De algum modo, as mulheres da narrativa seguirão “quebrando todas as normas do local”. Em sua trajetória, seus pés

[...] contaram já muitas pedras no caminho. Palmilharam vários destinos à busca de um tesouro. Como uma condenada a caminhar a vida inteira. Atiraram-lhe pedras por todos os lados onde passou. Expulsaram-na com paus e pedras, como um animal estranho que invadia propriedades alheias. As vozes queriam que ela desaparecesse. Mas desaparecer para onde se ela não tinha onde ir? Compara as pessoas aos chacais, aos abutres. Não vê diferença. Há uma pessoa no abismo pedindo ajuda. A sociedade humana apressa-se a atirar paus e pedras, a pisar a mão com que te expressas por teu último desejo. (CHIZIANE, 2008, p. 11,12, 13).

Essa uma “é solitária. Exilada. Estrangeira. Surgiu do nada na solidão das águas do rio. Vindo de lugar nenhum” (CHIZIANE, 2008, p. 13). Ainda assim, por ser tida como “a heroína do dia” (CHIZIANE, 2008, p. 16), “brava mulher, que caminha só e enfrenta qualquer perigo, a busca do tesouro perdido no tempo. Criança que as mãos maldosas arremessaram ao deserto. As mulheres do mundo inteiro orgulhar-se-ão do teu heroísmo” (CHIZIANE, 2008, p. 32-33). Uma mulher que edificou o seu próprio reino, fortificando-o no rio. “Que venceu um exército de mulheres e colocou desordem na moral pública. Que desafiou os hábitos da terra e conspirou o santuário dos homens” (CHIZIANE, 2008, p. 16).

Obviamente, há uma demarcação social que não se esfacela com as investidas de uma ou outra mulher de comportamento desviante. Talvez por isso Maria das Dores, cuja tristeza expressa na beleza do nome reflete “o cotidiano das mulheres e dos negros”



(CHIZIANE, 2008, p. 16), não encontrará boa acolhida no seio de sua comunidade imersa na escala de valores que atribui à mulher o papel secundário no mundo da vida. A aparente loucura permitirá a Das Dores escrever “o prefácio para a nova vida” (CHIZIANE, 2008, p. 28) e diagnosticar a visão de suas coetâneas:

A nudez que elas viam não é a minha, é a delas. Dizem que não vejo nada e enganam-se. Cegas são elas. Gritam sobre mim a sua própria desgraça e me chamam louca. Mas loucas são elas, prisioneiras, cobertas de mil peças de roupa como cascas de uma cebola. Com o calor que faz. (CHIZIANE, 2008, p. 17).

Claro está que a narrativa, de grande fôlego, estrutura-se numa “urdidura textual” complexa e riquíssima em acontecimentos. Porém, este trabalho percorre alguns poucos fragmentos da obra tentando explicitar as gotas de realidade da trajetória, ambígua, de mulheres no enfrentamento cotidiano para a sobrevivência em um mundo pleno de assimetrias: de cor, de gênero, de pertença social, de relações de poder, de valores civilizatórios etc. Essa ambiência paradoxal se potencializa no corpo da mulher, principalmente a negra. Seu organismo espacializa a vivência desses conflitos em doses generosas. Os agenciamentos que estas se veem obrigadas a realizar chocam por sua aparente naturalidade. Elas pertencem a um mundo

[...] onde a cultura dita normas sobre homens e mulheres. Onde o dinheiro vale mais que a vida. Onde o mulato vale mais que o negro e o branco vale mais que todos eles. Onde a cor e o sexo determinam o estatuto de um ser humano. Onde o amor é abstração poética e a vida se tece com malhas de ódio. (CHIZIANE, 2008, p. 27).

A travessia nesse mundo, às vezes, é extenuante em demasia. Talvez por isso pode-se dar encontro a Delfina, a mãe de Das Dores, “a conversar com o vento e a beijar as estrelas” (CHIZIANE, 2008, p. 28), “acocorada diante das águas” (CHIZIANE, 2008, p. 42), passando em auditoria os livros contábeis de sua amarga vida:

Tive todos os homens do mundo, um prostíbulo e muito dinheiro. O José, teu pai negro, foi a instituição conjugal com que me afirmei aos olhos da sociedade. O Soares, teu padraсто branco, foi a minha instituição financeira. O Simba, esse belo negro, foi minha instituição sexual, o meu outro eu de grandezas imaginárias, que me deixou para ser teu marido. (CHIZIANE, 2008, p. 44).

Poderiam ser implementadas estratégias, não de todo ortodoxas, para suavizar os ditames sociais. Mas, mais certo seria considerar essas estratégias como formas ardilosas de trocar seis por meia dúzia. A subalternidade apenas se travestiria em nova subalternidade, ainda que assim não parecesse. Desse elenco, destacar-se-ia o processo de assimilação, visto, naquele contexto, como último recurso de entrada na sociedade como cidadãos plenos. A simbolização máxima da desumanização se assentava no poder do império. Quem a ele não entoar louvores “não poderá ascender ao estatuto de cidadão” (CHIZIANE, 2008, p. 117).

É necessário abdicar de praticar a “língua bárbara” (CHIZIANE, 2008, p. 117), nascer outra vez, matar a língua, a tribo, a crença, queimar os “amuletos, os velhos altares e os velhos espíritos pagãos” (CHIZIANE, 2008, p. 117). Só assim um – de preferência um homem – “se poderá afirmar” (CHIZIANE, 2008, p. 117). Só assim poder-se-ia “caminhar de cabeça erguida e olhar o mundo do alto” (CHIZIANE, 2008, p. 120). Mesmo esse artifício não era de livre acesso a todos os pretendentes. Ainda mais para mulheres. O caso de Das Dores é exemplar. Seu pai, o negro José, negou a ela esse estatuto e sua mãe Delfina indicou o caminho, natural, da cama como negócio:

Pedi ao pai para ser assimilado, a fim de ter acesso à escola oficial, onde as professoras eram mulheres normais e não freiras esquizofrênicas. Mas o pai disse que não. Porque os assimilados eram assassinos. O pai de Delfina disse não à assimilação, sem saber que a libertação da pátria seria na língua dos brancos e sem imaginar ainda que os filhos dos assimilados iriam assumir o protagonismo da História.

[...]

A culpa de tudo foi do meu pai que disse não à assimilação e não me quis libertar desta humilhação. A culpa é da minha mãe que me iniciou nos segredos do travesseiro quando eu ainda sonhava em conquistar o meu diploma de professora numa escola indígena qualquer. (CHIZIANE, 2008, p. 78, 81).

É interessante perceber o gume afiado com que a narrativa trabalha com a realidade para escamotear a visão de “um de fora”, um médico, sobre a aludida loucura da mulher à beira do rio Licungo. A brava Maria das Dores. É justamente esse representante dos quadros do poder imperial, um doutor, é quem vai deixar transparecer a boa gestão que esse mesmo poder faz da verdadeira motivação da mente avariada de Das Dores. É o médico, compreensivo, quem vai assinalar que “a louca é uma mulher de bem, tentando enfrentar o mundo com mãos de mulher. Caída na miséria, mas enfrentando o fardo com coragem. Sozinha. Na lua. Chafurdando no entulho das ruínas antigas” (CHIZIANE, 2008, p. 58). É esse compreensivo médico, talvez porta-voz do poder do império, como resultado de uma eficaz prática de monitoramento, quem observa: “Diz ainda que a louca não perdeu juízo nenhum, nada perdeu. Apenas partiu para longe, deixando este mundo de vaidade, de maldade, para habitar paraísos distantes” (CHIZIANE, 2008, p. 61).

Que espaço desgraçado é esse definido como de preenchimento obrigatório para a mulher nessa cultura encenada na narrativa? Pode-se assim considerá-lo alguém pertencente a outra cultura? Se sim, convêm continuar. Entretanto, a perplexidade que as fatias de realidade do romance, nos fragmentos aqui discutidos veiculam, incitam a reflexões dessa ordem. São atraentes exatamente porque chocam. Conclamam a uma outra postura que propicie novos agenciamentos que se erijam no respeito à dignidade humana. O texto de Chiziane ilustraria o ideário do crítico literário brasileiro Antonio Candido em sua teoria sobre o poder humanizador da literatura?<sup>7</sup>

Se perseguir o elemento água tão presente no fio enunciativo, perceber-se-á a repetição do lugar do feminino ocupado pelas mulheres da árvore genealógica de *Das Dores*. Ela é o que se viu aqui. Sua mãe Delfina, *idem*. Sua avó Serafina aparenta uma variação sobre o mesmo tema. Vale lançar-se no fluxo da “torrente de palavras” (CHIZIANE, 2008, p. 100) em que “a alma de Serafina [soltou-se] como um barco encalhado” (CHIZIANE, 2008, p. 101). Desse local, encalhada também ela, dará a conhecer a sua revolta com a expropriação de sua prole:

A sua mágoa é real, autêntica. Sofre como só uma mulher pode sofrer. Com sabor a sangue e a lágrimas. Com sabor a mordeduras no umbigo, num clamor de todas as mulheres do mundo, enlouquecidas pelas mordazes dores de parto.

[...]

Hoje entendo o sofrimento das cadelas e das cabras quando nós, os humanos, retiramos as suas crias para destinos desconhecidos perante o olhar impotente das progenitoras. Mas um dia virá em que o mundo inteiro se recordará do

---

<sup>7</sup> Faz-se alusão ao texto: CANDIDO, Antonio. *Direito à literatura*. In: CANDIDO, Antonio. (org.). **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004. p. 170. Mimeografado.

sofrimento da mãe negra e nos pedirá perdão, pelos filhos que nos roubaram, arrancaram, venderam. (CHIZIANE, 2008, p. 101-102).

Sua dor é a lembrança da fatura sangrenta resultante do encontro entre marinheiros, sequestradores e assassinos de seus filhos. Filhos que “tiveram muito trabalho para matar” (CHIZIANE, 2008, p. 150). Confidencia: “Olha como são os nossos filhos. Olha como eles são fortes. Sabes porque é que os teus irmãos foram deportados? Por serem fortes como touros, graças a esses remédios que hoje rejeitas” (CHIZIANE, 2008, p. 150).

Esses filhos são todos zambezianos.

[...] Por isso somos [nós, zambezianos] explorados pelos marinheiros. Sabes porque é que os cordeiros são louvados? Não dão trabalho nenhum a apanhar. Vão para o churrasco sem o menor gemido. Por causa da mesma fraqueza, as galinhas se tornaram pasto da humanidade” (CHIZIANE, 2008, p. 210).

Ao mesmo tempo em que a velha Serafina desfia seu rancoroso existir, inclusive considerando a inexorabilidade da sina reservada ao povo a que pertence e sua condição de eternos “escravos” (CHIZIANE, 2008, p. 157); se permite sonhar e depositar na filha Delfina a esperança de mudança. “Na sua terra a mulher é peça que se compra e se vende. Selo de contrato. Moeda de troca. Hipoteca. Multa. Sobrevivência. Ela também foi usada pela própria mãe, na infância distante. Entregue aos brancos das lojas a troco de comida” (CHIZIANE, 2008, p. 243). Mesmo assim seus planos são tão aviltantes para a menina quanto a sua própria trajetória de vida. Fazendo com que a roda da vida dê mais um giro no mesmo caminho desumanizador. Mas isso não a preocupa. “Neste momento Serafina quer a liberdade, só quer a liberdade. Viaja para o passado, no princípio de tudo, quando tudo era paz, amor e serpente. Viaja para

o futuro, onde de novo haverá paz, mas sem serpente e sem maldade” (CHIZIANE, 2008, p. 149).

Muito embora ela tivesse descoberto durante suas buscas “o grande mistério da imaterialidade do ser e do saber: nada se constrói com a morte de outrem” (CHIZIANE, 2008, p. 176), ela não percebia que o seu trato com as filhas a despeito de lhe proporcionar a felicidade imediata, não era outra coisa senão o decreto de morte para aquelas meninas.

Talvez, por tudo isso, é que em Maria das Dores, desde criança, encontra-se um comportamento desviante, diferente das outras meninas. Como se nela algo não encaixasse bem. Nela

[...] as interrogações voavam na mente como um enxame de abelhas zumbindo. Começava a questionar todas as coisas deste mundo. Por vezes caía em si com lágrimas a correr sem saber que chorava. Tudo era muito confuso. Fazia muitas perguntas a si própria e crescia depressa. Procurava dentro de si um lugar para se esconder, sempre esquiva e miúda. (CHIZIANE, 2008, p. 252).

Não é esperado dessas mulheres que pensem. As que assim agem assustam os homens, mesmo os feiticeiros. Não há espaço para vidas reformuladas. Delfina e Das Dores são exceções. Elas desafiam e pervertem “todas as regras do jogo” (CHIZIANE, 2008, p. 211). A bem da verdade, o que elas almejam não é comezinho: “– não há maldade nenhuma – assegura Delfina –, só quero mostrar ao mundo que a mulher preta pode ter marido branco. Quero mostrar ao mundo que o amor supera as fronteiras de uma raça” (CHIZIANE, 2008, p. 208).

Como conseguira perceber o feiticeiro Simba, elas são “apaixonantes” (CHIZIANE, 2008, p. 211), porquanto elas parecessem a ele, também, permeáveis. De acordo com Simba, em relação à Delfina “logo à primeira palavra se percebe que dentro dela se incubia um enigma. Simba tenta esquivar-se. Porque

compreender uma mulher é o mesmo que mergulhar num labirinto sem fim nem princípio” (CHIZIANE, 2008, p. 206).

Talvez elas planejassem, de fato, mesmo que às vezes inconscientemente, “uma vida nova” (CHIZIANE, 2008, p. 206). A existência militante dessas mulheres coloca em evidência o fracasso da sociedade erigida apenas na perspectiva patriarcal. Parece razoável pensar que “a alegria e a liberdade são filhas do matriarcado, onde se estabelece às leis da natureza porque só a mulher conhece o verdadeiro pai dos filhos que tem” (CHIZIANE, 2008, p. 271).

### 3 LAÇADAS FINAIS...

Para concluir, espera-se que as reflexões aqui apresentadas tenham demonstrado a pertinência de considerar o texto de Paulina como uma boa estratégia de estetizar, como sinalizava Gumbrecht, “energicamente ilhas e novos territórios não mapeados”, especificamente, reconstruindo novas figurações do universo do feminino nas sociedades moçambicanas.

O complexo cultural encenado no romance oferece um contraponto às imagens “coladas por preconceitos” amplamente veiculados pela comunicação social, como advertira Inocência Mata. A urdidura textual se aproxima da ideia de uma escrita testemunhal e, em Chiziane, em **O alegre canto da perdiz**, cria um outro local mais propício à vida, essencialmente demarcada pela efervescência de uma discursividade especiosa, aquela que grita que a mulher também é um ser humano digno, ainda que assim não queira uma parcela do tecido social<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Esse gume afiado que brota da enunciação literária em *O alegre canto da perdiz* permite rememorar, a propósito, a conferência de encerramento da II Jornada de Estudos Africanos da UFMG, em Belo Horizonte, ocorrida em junho de 2014, para a qual Chiziane foi convidada: “Em sua palestra, a combativa escritora de Moçambique exerceu com precisão e serenidade uma delicada franqueza para alertar aos presentes: i) “Se vocês não abrirem os olhos, acabará novamente tudo em sangue.” ii) “Se um indivíduo, ou indivíduos, ou estado, não deu mostra de que pode dar o merecido tratamento aos filhos africanos que receberam até hoje, então

Das Dores, Delfina, Serafina e as outras, em alguma medida, são remodelações de heroínas. Elas, naquele espaço zambeziano, seguram “com firmeza o leme da desgraça navegando contra todas as tempestades”, sem *nipa*<sup>9</sup> e *maheu*<sup>10</sup>. Resta pensar quanto a almejada estada do “barco a bom porto”.

## REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Helen Leonarda. **Só riso**: o cômico em *Niketche*, de Paulina Chiziane e *O guardador de memórias*, de Isabel Ferreira. 2020. 171 f. Orientadora: Terezinha Taborda Moreira. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2020.
- ALVES, Roberta Maria Ferreira; CARVALHO, Wellington Marçal de. GEED: disseminação de afeto, olhares e saberes. *In*: ALVES, Roberta Maria Ferreira; CARVALHO, Wellington Marçal de. (org.). **Deslocamentos estéticos**. Florianópolis: Rocha gráfica e editora, 2020. Cap. 1. p. 29-68. (Selo Nyota).
- BRAGA, Juliana Primi. Entre dois mundos: um olhar sobre a loucura feminina nos romances *O alegre canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane e *A louca de Serrano*, de Dina Salústio. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, Belo Horizonte, n. 19, p. 205-213, 2010.
- CANDIDO, Antônio. Direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antônio. (Org.). **Vários escritos**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2004. p. 170. Mimeografado.
- CARVALHO, Wellington Marçal de. A internacionalização da dignidade em vida. **Boletim UFMG**, Belo Horizonte, n.1866, ano 40, 02. jun. 2014. Sessão Opinião. p. 2. Disponível em: <https://www.ufmg.br/boletim/bol1866/2.shtml>. Acesso em: 17 ago. 2020.
- CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**: romance. Lisboa: Caminho, 2008. 342 p. (Outras margens, 73).

---

acredito que eles não estão preparados para oferecer qualquer ajuda aos africanos que não resulte em nova escravatura” (CARVALHO, 2014, p. 2).

<sup>9</sup> Nipa: aguardante (CHIZIANE, 2008, p. 337).

<sup>10</sup> Maheu: cerveja (CHIZIANE, 2008, p. 337).



CHIZIANE, Paulina; MARTINS, Mariana. **Ngoma Yethu**: o curandeiro e o Novo Testamento. Belo Horizonte: Nandyala, 2018. 258 p.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Campos de guerra com mulher ao fundo no romance *Ventos do apocalipse*. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 13, p. 302-313, 2003.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **[Proposta de atividades do GEED [Grupo de Estudos Estéticas Diaspóricas] para o 2º semestre de 2019]**. [Belo Horizonte: s.n., 2019].

GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. *In*: CÉSAR, Guimarães; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos (Org.). **Comunicação e experiência estética**. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 50-63.

HAMILTON, Russell George. *Niketche* – a dança de amor, erotismo e vida: uma recriação novelística de tradições e linguagem por Paulina Chiziane. *In*: MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (Org.). **A mulher em África**: vozes de uma margem sempre presente. Lisboa: Colibri, 2007. p. 317-330.

MATA, Inocência. A literatura, universo da reinvenção da diferença. *In*: MATA, Inocência. **A literatura africana e a crítica pós-colonial**: reconversões. Luanda: Nzila, 2007. Cap. 1. p. 81-92.

MEDEIROS, Afonso. Notas sobre arte, luxo, lixo, consumo e estética do cotidiano. **Revista Poiésis**, n. 19, p. 75-86, jul. 2012.

MENDES, Marli Maria. **Abraço utópico entre Logos e Sofia em romances de Paulina Chiziane**. 2009. 197 f. Orientadora: Maria Nazareth Soares Fonseca. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009.

NGOMANE, Nataniel. Posfácio. Maputo, 21 de janeiro de 2008. *In*: CHIZIANE, Paulina. **O alegre canto da perdiz**: romance. Lisboa: Caminho, 2008. 342 p. (Outras margens, 73).

RODRIGUES, Eni Alves. **Crítica acadêmica das literaturas africanas de língua portuguesa**: um estudo de teses produzidas no período de 2013 a 2017, disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. 2020. 162 f. Orientadora: Maria Nazareth Soares Fonseca. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. O local do testemunho. **Tempo e argumento**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 3-20, jan./jun. 2010.

SCHMIDT, Simone Pereira. Corpo e terra em *O alegre canto da perdiz*. In:

MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lucia Tindó Ribeiro.

**Paulina Chiziane**: vozes e rostos femininos de Moçambique. Curitiba: Appris, 2013. p. 229-247.